

TRAVESSIAS: HIBRIDISMO E RESISTÊNCIA

Profª Ms.Sônia Maria Zanetti Thomaz
UNICENTRO

RESUMO: *Este artigo visa a analisar o preconceito dos americanos contra os chicanos e a literatura chicana, bem como o preconceito contra os hispânicos e sua literatura, no caso em tela, a porto-riquenha. Estudar a questão das fronteiras, a utilização do Spanglish por Anzaldúa e Tato Laviera em seus poemas e compará-los. Abordar as teorias de Homi Bhabha sobre cultura e nação e as teorias de Edward Said a respeito de história, alteridade e identidade. Aplicar as concepções comparatistas de Tânia Carvalhal e outros às poesias.*

Palavras-chave: *preconceito; literatura; fronteiras; Spanglish; hibridismos.*

Introdução

Neste trabalho pretendo analisar questões que envolvem a literatura hispânica e a chicana no espaço estadunidense, tais como o preconceito enfrentado pelos/pelas autores/as chicanos/as e porto-riquenhos/porto-riquenhas, a busca de identidade, a angústia dos/das escritores/as que se sentem estigmatizados, ou seja, à margem da fronteira, dentre outras.

1. O preconceito

A escritora chicana Carmen Tafolla (2003, p.44), trata do referido preconceito e expõe que, as poetas chicanas “não perderam a conexão cultural, nem a identificação” com o México. Dominam modismos do dialeto chicano, “envolvem-se com os símbolos de suas avós e se reeducam no currículo da comunidade.” E, acrescenta que, “a identificação chicana com o México é aquela anterior à Revolução Mexicana, com o México rural, (...) o da classe indígena”, no período anterior ao ano de 1845.

Tafolla (2003, p.44) enfatiza a importância de lembrar que muitas pessoas não são imigrantes, mas sim descendentes dos que lá estavam. Comenta sobre a relevância de tentar “ensinar os americanos” sobre suas raízes, pois quando estes sabem de sua ascendência mexicana, perguntam: “Você é mexicana-americana? Quando você cruzou a fronteira (...)?” Então, ela contesta e diz que não cruzou a fronteira para chegar aos EUA. “Quando seus pais cruzaram a fronteira?” Ela responde: “Meus pais não cruzaram a fronteira (...). Quando seus avós cruzaram a fronteira?” A autora explica: “Meus avós não cruzaram a fronteira, foi a fronteira que nos cruzou.” Relata que é difícil para muitos americanos entenderem que sempre estiveram ali, pois o local pertencia ao México.

Tafolla (2003, p.45) comenta sobre o racismo e a opressão da história moderna dos chicanos, em uma nação que os trata como estrangeiros, “onde os acordos do Tratado de Guadalupe Hidalgo declaravam “o respeito às vidas, à propriedade e aos direitos dos mexicanos residentes nos EUA,” romperam-se como os Tratados feitos com centenas de indígenas. Este “racismo também ressalta o simbolismo” da Literatura Chicana. A autora cita o poema *El Alacran Güero* (O escorpião vermelho) de Sandra Cisneros, no qual ela utiliza a linguagem folclórica do povo com outra conotação, ou seja, simbolizando o poder do racismo:

They say el alacran güero can kill

*you. That's what they say.
Of all the scorpions that exist
the white one is the deadliest.*¹

De acordo com Tafolla (2003, p.46), “enquanto nós reconhecemos que o escorpião mais perigoso é o vermelho, as escritoras chicanas depositam sua confiança nas pessoas simples, a obstinação da vontade individual, a força que dura mais que a carne.” O escorpião branco é o mais mortal, assim como o preconceito.

Para ilustrar a questão do preconceito dos americanos é relevante relatar o que ocorreu com a escritora chicana Helena Viramontes, quando estava cursando mestrado nos EUA. A autora comenta uma conversa tida com o orientador sobre sua dissertação: “A minha última conversa está em minha memória como a ruptura de uma relação de respeito mútuo.” (VIRAMONTES, 2003, p.67)

A preocupação do orientador se tornava cada vez maior e angustiante quanto ao trabalho de Viramontes, até que em determinada ocasião, este lhe perguntou: “São estes personagens tão maus?” Viramontes pensou que “ou ela não tinha sido convincente ou ele não tinha sido convencido.” O orientador disse que ela não era mais que uma “imitação barata de Gabriel García Márquez.” Viramontes pensou que como aluna do mestrado precisava ter “nervos de aço.” O orientador não opinou sobre sua história: *Growing* (Crescer). Então, Viramontes perguntou-lhe: -“Que devo fazer?” Ele respondeu-lhe: “o problema do seu trabalho é que você escreve sobre chicanos. Você deveria estar escrevendo sobre as pessoas.” Viramontes expõe que nunca mais regressou ao programa de mestrado e, durante mais de dez anos jamais entrou em um prédio de Humanidades novamente. (p.67)

Nesse sentido, Benítez Torres (2003, p.18) afirma que as chicanas sofrem um processo de “dominação no qual as diferenças de gênero têm sido a palavra-chave; elas representam um segmento do povo chicano cuja marginalização as conduz a uma tripla opressão: (...) sua origem, gênero e condição financeira.” Torres complementa: “chicanos e chicanas se consideram sobreviventes.”

2. O entrelaçamento de gerações e culturas

Tafolla (2003, p.48) tece comentários sobre a experiência dos chicanos e chicanas, expondo que esta “forma um entrelaçamento de vários fios,” de gerações anteriores e atuais. Aborda a questão das chicanas, tanto as que vivem nos EUA há bastante tempo, quanto as recém-chegadas. Algumas não falam inglês, e outras não falam espanhol, mas todas tentam se expressar na forma gramaticalmente correta e *standard* (padrão), o que é uma cultura não *standard*, o que significa “viver entre dois idiomas, duas nações, duas culturas, dois mundos.” Então, as escritoras fazem uso do *Spanglish*, para poder preservar sua história. A exemplo de Anzaldúa, os poemas de Laviera também têm essa característica, isto é, mesclam o espanhol e o inglês.

3. Borderlands e hibridismos

Almeida (2000, p.113) explica o termo *borderlands*² como um “lugar que é (...) definido pela metáfora do *crossroads*³, como um lado positivo e regenerante que destrói fronteiras,” mas também é um lugar “doloroso e traiçoeiro (...).” Tal questão sob o ponto

¹ Eles dizem que o escorpião vermelho pode matar você. /Isso é o que eles dizem. /De todos os escorpiões que existem /o branco é o mais mortal.

² Fronteira.

³ Encruzilhada.

de vista de Anzaldúa, refere-se ao que ela considera “sua casa, o lugar politizado de onde ela fala – o lugar da chicana, a nova mestiça.”

Assim sendo, o que ela chama *borderlands*, é um espaço de “contradições, transgressões, choques.” É o “Terceiro País, um mediador, um entre-lugar, local híbrido, que é contraditório”, no qual a noção “problematizada” de identidade cultural surge sem qualquer característica relevante de “pureza ou originalidade.” Anzaldúa concentra seu *locus*, “foco de enunciação usando a retórica das margens e hibridismos,” em um mundo habitado por inúmeras culturas. A exemplo de Anzaldúa, Moraga (1986, p.34) escritora chicana pensa: “qual é a minha responsabilidade com minhas raízes – ambas branca e marrom, falando em espanhol e inglês? Eu sou uma mulher com um pé em ambos os mundos, e eu recuso a separação.”

Segundo Ferrari (2005, p.374), as escritoras chicanas contemporâneas foram vítimas de dois tipos de colonização e, em consequência disso, pertencem a uma cultura “marcada pelo hibridismo cultural e (...) exclusão social,” a cultura chicana e a americana. Desse modo, para “construírem suas identidades, as chicanas têm de negociar entre essas culturas, seus traços, tradições, línguas e histórias.” Ele cita a concepção de Bhabha sobre o assunto: “tal negociação não é assimilação nem colaboração. Ela torna possível a emergência de uma agência intersticial, que recusa a representação binária de antagonismo social,” ou seja, os indivíduos estão situados em um “interespaço entre essas duas culturas, leais (...) a ambas.”

Carvalho (2003, p.153) expõe que, ao se referir ao termo “fronteira,” não está considerando “critérios geográficos e políticos ou (...) históricos, mas sim numa dimensão simbólica, capaz (...) de ultrapassar aspectos concretos e localizados dos fenômenos para captá-los em seu processo de elaboração criativa (...)” Enfatiza ainda que, falar em fronteiras significa “ocupar-se com o como,” as maneiras por meio das quais uma determinada “ação crítica torna-se (...) híbrida,” tomando recursos de uma e de outras “orientações”, de acordo com a natureza dos textos que as solicita. (p.171) A palavra fronteiras também implica uma “postura adotada pelo leitor crítico, que confronta, contrasta, que lê nos limites, nas bordas, nas vizinhanças.” (p.171)

4. Língua – estratégia neoconservadora

De acordo com Torres (1996, p.173), para garantir a “posição hegemônica do *American English*,” os norte-americanos combatem o uso do espanhol, considerado segunda língua em nível nacional, pois acreditam que tal fato ameaça a “segurança e unidade dos EUA.” Torres cita Robbins para ilustrar sua assertiva, quando este afirma que os imigrantes hispânicos são pessoas “mal encaminhadas”, estão nos EUA para zombarem da liberdade dos americanos e critica o uso da língua espanhola. Ele parece ignorar que os EUA são um país mestiço, pois os mexicanos-americanos ao cruzarem a fronteira (México/EUA), estariam retornando à terra de seus ancestrais, “conquistada” pelos norte-americanos.

Segundo Torres (1999, p.175) a obra de Bhabha *O local da cultura*, nos auxilia a pensar como a língua é usada como “estratégia neoconservadora, a fim de garantir uma suposta homogeneidade cultural,” também pode servir de instrumento para criticar “concepções monolíticas de nação.” Tratando-se especificamente da população hispânica dos EUA, que utiliza o *Spanglish* como “prática cultural”, percebe-se que a identidade do indivíduo de origens hispânicas no referido país, reside no “*double bind*, ou seja, dilema gerado pela tensão entre essas duas culturas das quais eles fazem parte, uma anglo-americana, outra latino-americana.”

Assim sendo, sua linguagem é disseminada através de línguas e tradições híbridas que determinam “seu lugar como sendo outro, em oposição ao espaço monocultural. O

code-switching,” mudança de código lingüístico, praticado nas obras e nas poesias dos chamados latinos mostra a “heterogeneidade sócio-histórica da (...) América do Norte.” (TORRES, 1996, p.175)

Conforme Flores (PETERMAN, 2007, p.2) a utilização do *code-switching*, é um modo de comunicação “social e artística,” pois propicia um alcance considerável para o discurso e expressão, imprimindo “profundidade e amplitude à voz do artista.” Sanchez (PETERMAN, 2007, p.2) afirma que os porto-riquenhos têm insistido em manter sua língua original nos EUA, então quando o *code-switching* surge, é “função dele, de seu status como um grupo subordinado ao inglês da sociedade dominante, desenvolver a sua própria identidade”, e tal uso é um “ato político.” Tais assertivas se aplicam às poesias de Laviera e Anzaldúa.

5. Literaturas, culturas e identidade

Portella (1996, p.26) discorre sobre a obra *Cultura e Imperialismo*, de Edward Said, na qual este estabelece comparações entre literaturas, culturas e civilizações e explica que o estudo da história proposto por Said, e atento à “dinâmica da alteridade,” poderia “retirar a identidade da prisão (...) domiciliar, na qual foi encerrada pelas filosofias da consciência.” Diz que o imperialismo e o nacionalismo parecem semelhantes, pois se deixaram levar pela “perversão identitária.” Tomou forma uma espécie de “identidade fechada” e contrária a quaisquer tipos de contatos e de trocas. A referida “perversão identitária” afeta no caso em tela, os poemas de Anzaldúa e Laviera, pois estes denotam as agruras do preconceito de viver entre duas culturas.

Na primeira etapa dessa divergência, na qual há “imposições e transferências indesejáveis,” encontra-se, de acordo com Said, citado por Portella, a “noção (...) estática de identidade” que fez parte do “núcleo do pensamento cultural”, na época do imperialismo. Pode-se percebê-la atrelada ao “falso moralismo de discursos disfarçados.”

Na segunda vertente da divergência, ocorre o “nacionalismo heróico, agora (...) extenuado (...) circunscrito” nos caminhos da nova ordem global. “O quadro de proscricção do outro, da diferença, da alteridade,” continua quase imbatível. (p.26) Said que era americano-árabe, árabe-americano está situado em um “posto de observação (...) especial,” isto é, na sua “condição cultural, divergente, convergente, (...) intercultural. A interculturalidade é o óbvio, o modo de ser próprio da cultura, híbrida, plural.” (PORTELLA, 1996, p.26)

6. Origens e nações

Torres (1996, p.173) refere-se à obra de Homi Bhabha, *Nação e Narração*, na qual o autor comenta que as nações, bem como as narrativas, “perdem suas origens nos mitos do tempo e apenas realizam seus horizontes no nível do imaginário.” Então, nação deveria ser somente um “espaço de significação cultural.” Observando por trás de tal espaço há uma “ambivalência” entre dois níveis de discurso: “o pedagógico e o performativo.”

No primeiro, as pessoas são concebidas como presenças históricas, como simples objeto pedagógico e, no segundo,

o povo como imagem da totalidade sofre a interferência da sua significação como signo diferenciador do sujeito enquanto distinto do outro, ou do espaço de fora. (...) A temporalidade cultural da nação inscreve uma realidade social muito (...) complexa: ao mesmo tempo em que a nação é construída, ela vai sendo desconstruída por interpretações sucessivas, cujas contradições mútuas demonstram a

ausência de qualquer centro originário. A nação torna-se um espaço marcado internamente pela diferença cultural e pelas histórias heterogêneas de povos conflitantes, autoridades antagonistas e espaços culturais em constante tensão.

Bhabha (1998, p.199), opõe-se ao nacionalismo e à certeza histórica da nação ocidental, como um modo obscuro de viver o local da cultura. Tal localidade compreende mais a temporalidade do que a historicidade, mais híbrida na “articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social.”

Conforme Juan Ramón de La Fuente (2003, p.9) o desarraigamento e a distância física e espiritual, “a necessidade de abandonar a terra natal e a luta para pertencer a outra terra; tempo e separação; lembrança e esquecimento,” fecharam essa cultura “dicotômica que é a cultura chicana.” Comenta que uma grande faixa de terra separa as escritoras chicanas dos mexicanos, mas “compartilham sua literatura, a expressão de um mundo que é prova de um forte desejo de existir e crescer.”

7. Viés comparativo

Este estudo comparativo entre a poesia *Borderlands/ La Frontera*, da escritora chicana Gloria Anzaldúa e o poema *For Richie*, do poeta porto-riquenho Tato Laviera, está embasado teoricamente em Carvalhal (2003) e outros.

De acordo com Joseph Texte (CARVALHAL, 2003, p.51), não existe uma literatura nem talvez um escritor que se “possa dizer que a história se encerra nos limites de seu país de origem.” Segundo Carvalhal, há mais de cem anos, Texte formulou um princípio fundamental aos estudos comparatistas: “pensar o literário como conjunto de relações múltiplas que ultrapassam as fronteiras nacionais.” Ao dizer isso, Texte se referia a uma das questões mais relevantes do comparatismo: as relações entre o “particular (o local) e o geral.(o universal).”

Montaigne (CARVALHAL, 2003, p.52) associa a “barbárie e civilização com o desconhecimento do Outro e o estranhamento diante do novo.” Assim sendo, os hábitos existentes em determinada comunidade, enquanto limites para o juízo crítico,” geram a incompreensão e as exclusões, pois “organizam o sistema dos excluídos e a conversão do Outro.”

Para Mignolo (CARVALHAL, 2003, p.56), as oposições “dicotômicas entre centro e periferia e interior e exterior,” foram aceitas durante muito tempo, mas atualmente se “redimensionam” no momento em que a “noção de fronteira” desaparece devido aos questionamentos teóricos e espaciais. Para Laclau, “margens, marcos e limites,”formam uma nova topografia, baseada em outros contornos. Dessa forma, o conceito de hibridização é central porque esclarece as transformações ocorridas e “sintetiza os processos de câmbios culturais” que norteiam as relações entre as “mesclas e as interpretações dominantes.”

Desse modo, a hibridização não é um “fenômeno marginal, exclusivo de periferias, mas é o território próprio no qual as identidades contemporâneas são construídas.” (CARVALHAL, 2003, p.57)

Para Ortiz, há distinção entre o “global” e o “mundial,” sendo que o primeiro trata de questões econômicas e o segundo aborda o “domínio específico” da cultura, tornando possível compreender a “mundialização” como “processo e totalidade.” Esse processo se “reproduz e se desfaz” permanentemente e se reveste de uma “dimensão abrangente,” trazendo em seu bojo outras formas de “organização social: comunidades, etnias e nações.” Mas, ainda que sejam utilizadas expressões como “mundialização” e outras que apontem para uma suposta “unicidade”, as diferenças continuam a surgir. Nesse

sentido, a “redução do mundo resultante do processo de globalização” e outros, não significaria uma homogeneidade, pois ele pode ter se tornado menor, mas não igual. (CARVALHAL, 2003, p.58-9)

Em se tratando de literatura comparada, Steiner afirma que todo “ato de recepção” na linguagem ou outra arte, é comparativo. Temos tendência para a “analogia e o precedente”, para os traços familiares que relacionam o novo a um contexto conhecido. Isso conduz o leitor a considerar que em toda “operação hermenêutica há uma comparação tácita, que a (...) simples afirmação de preferência é uma comparação com.” (CARVALHAL, 2003, p.171) Para Remak, a literatura comparada é a “comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana.”(CARVALHAL, 2003, p.209)

Para exemplificar as teorias dos diversos autores abordadas anteriormente, apresento excertos da poesia *Borderlands/La Frontera*, da escritora chicana Gloria Anzaldúa e o poema *For Richie*, do poeta porto-riquenho Tato Laviera.

Borderlands

*To live in the borderlands means you
are neither hispana india negra española
ni gabacha, eres mestiza, mulata, half-breed
caught in the crossfire between camps while carrying all five races
on your back
not knowing which side to turn to, run from;*

*To live in the Borderlands means knowing
that the Indian in you, betrayed for 500 years,
is no longer speaking to you,
that mexicanas call you rajetas,
that denying the Anglo inside you
is as bad as having denied the Indian or Black;
(...)*

*To live in the Borderlands means
the mill with the razor white teeth wants to shred off
your olive-red skin, crush out the kernel, your heart
pound you pinch you roll out
smelling like white bread but dead;
To survive in the Borderlands
you must live sin fronteras
be a crossroads⁴.*

Para (WALTER, 2003, p.133), em *Borderlands/La Frontera*, Anzaldúa descreve o espaço da margem da fronteira como “um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma linha divisória não natural,” um espaço em mudança constante. De acordo com o autor, as pessoas que vivem nas fronteiras chicanas, nesse

⁴ Viver na fronteira significa que você/ não é hispânica índia negra espanhola/nem estadunidense, és mestiça, mulata, mestiça/ mantida no fogo entre os campos enquanto carrega todas as cinco raças/ nas suas costas/ sem saber para que lado ir, correr;/ Viver na fronteira significa saber/ que a índia que há em você, foi traída durante 500 anos,/ não faz muito tempo que lhe falei,/ que as mexicanas o chamam de trapo,/ que negam o anglo que há em você/ é tão mau quanto ter negado o índio ou o negro;/ Viver nas fronteiras significa/ a fresa com a lâmina de dentes brancos que quer remover/ sua pele marrom avermelhada, entra no âmago,do seu coração/agride você atormenta-o para sair/cheira como um pão branco mas insípido;/Para sobreviver nas fronteiras/ você deve viver sem fronteiras/ seja uma encruzilhada.

“espaço intersticial, transcultural”, são definidas por Anzaldúa como “vítimas de sofrimento psíquico (...), um produto da transferência cultural e valores espirituais de um grupo para outro.” Em suma, “dentro de nós e da cultura chicana, geralmente mantida pelas crenças da cultura branca (...) habitualmente apoiada pelas crenças da cultura mexicana, e ambas sustentadas pelas crenças da cultura indígena.”

Anzaldúa analisa a condição das mulheres na cultura chicana e na sociedade americana branca, mostra ao mundo uma vida de “alienação e isolamento, como uma prisioneira nas fronteiras entre culturas.” (2007, p.1) A linguagem é a das fronteiras, característica fundamental de sua escritura e incita os/as chicanos/chicanas a se sentirem orgulhosos de sua herança cultural, bem como utiliza o *Spanglish* nas mesmas.

Através do uso de palavras “poeticamente lindas, (...)” Anzaldúa conduz o leitor para “dentro de seu mundo de estranhamento de cada cultura que ela poderia pertencer.” Na poesia *Borderlands/La Frontera*, ela mostra aos leitores, a realidade sobre a raça, as “barreiras culturais e a introspecção para encontrar a verdadeira identidade.” A autora insiste que como essas barreiras são “abstratas, nunca deveriam existir dentro da alma.”

Enfatiza que se esforçou para se comunicar em um país onde os “não falantes do inglês são (...) punidos.” (p.2)

Para Anzaldúa, “escrever não é uma ação, mas um modo de canalizar vozes e histórias e atribui seu poder à natureza feminina.” (p.2) Na poesia *Borderlands/La Frontera* é impossível não sentir a emoção ao se concentrar em versos. Ela conduz o leitor a um “mundo de imagens sensoriais, dor e descoberta.” A poesia de Anzaldúa é “vívida e não apologética.” São percebidas as diferenças entre o americano e o latino.

For Richie

Blancito ... puro ... purito

i mean

a snow white

all-american

precioso

(...)

invasion

law

to make us

puerto rican soldiers

to die

brown

or black

or white

or indigenous

in any war

that we were used

(...)

he understood

the doctrine

of that principal

*so he always paraded
to challenge imperialism*

*for he knew
that we were
the last colony*

*but he knew ...
(...)
in his philosophical
intellectual
community gatherings*

*that the united states
lives in ultimate
(me esta saliendo)
in ultimate hell*

*trying to figure out
why we will never
be a state*

thank you, richie⁵

Peterman (2005, p.1) trata da questão da literatura porto-riquenha e expõe que embora existam pontos de vista semelhantes entre os escritores, “cada experiência e expressão individual é única,” e o termo voz, tem dupla importância como termo literário e força política. Enfatiza que os escritores porto-riquenhos e outros grupos nos EUA, têm usado “sua posição de *outsiders*,” ou seja, forasteiros, como elemento chave de sua expressão artística, consideram-se “pessoas à margem da tendência cultural dominante,” o que os torna aptos a refletir sobre a busca para definir o “eu e a cultura.”

Segundo Manuel Vasquez, Laviera tem o “supremo ato da retórica com seus ritmos nas palavras e sua voz compele a aquecer seu coração, como ele expande cada palavra de sua poesia.” Vasquez relata que o termo *AmeRicans*, significa alguém que é proveniente de duas culturas para formar uma, principalmente pessoas com a “herança latino-americana” que estão agora tentando superar as dificuldades com a cultura anglo. (2007, p.1)

Lauter (2007, p.1) afirma que Laviera escreve em inglês, espanhol e *Spanglish*. Como domina ambas as línguas, ele impõe um tom sério e rico ao *Spanglish*, e sua escrita o diferencia de outros de sua geração. Sua poesia é extremamente relevante para o estudo “bilíngüe e bicultural (...),” ele questiona o significado de ser um porto-riquenho nos EUA. Os textos refletem as “mudanças e transições” que sua comunidade

⁵ branquinho puro purinho/eu digo/branco como a neve/todo americano/precioso/a lei da invasão/ nos faz/soldados porto-riquenhos/para morrer/ mulatos/ou negros/ou brancos/ou indígenas/em qualquer guerra nós lutamos/ele entende/a doutrina/do que é importante/então ele está sempre armado/para desafiar o imperialismo/ para ele saber/que nós éramos/a última colônia/mas ele sabe/em suas reuniões filosóficas/e intelectuais/da comunidade/ que os Estados Unidos/vivem em definitivo/como era de se esperar/num inferno constante/tentam entender com dificuldade/porque nós nunca/ seremos um estado/obrigado, Richie.

tem sofrido desde as maiores imigrações dos anos 40 e mostra um paradigma do que é “uma América pluralística.”

Segundo Vasquez (2007, p.1), Laviera “ama dar vida aos seus poemas com expressões (...) que somente um *AmeRícan* pode fazer.” Laviera define a si mesmo como *AmeRícan*, porque ele é membro de uma grande parte do “hemisfério Oeste que fala espanhol, bem como membro da menor parte que fala inglês.” O poeta diz: “poesia significa ser escrita e lida com paixão e vigor para obter a alma do poema.” (p.2)

Conforme a *Latino Intersections – Encrucijada*⁶ (2003, p.1), as poesias e peças de Laviera atravessam as fronteiras culturais e lingüísticas que dividem o espanhol e o inglês. Ele é uma das figuras mais importantes no desenvolvimento da “sensibilidade na literatura porto-riquenha,” sua poesia codifica a história de Porto Rico, como uma maneira de lembrar que “a cultura se move entre a ilha e o continente.”

Aparicio (2007, p.5) explica que a linguagem poética de Laviera não sofre influência da escrita acadêmica tradicional da poesia, mas sim da “cultura popular, pela tradição oral de Porto Rico e do Caribe (...).” O poeta se identifica com a comunidade afro-americana nos EUA. Simultaneamente, “reforça a unidade e as raízes comuns dos negros e porto-riquenhos: é chamado de a África de todos nós.”

Tal tendência também reflete a nova constituição multi-étnica da América. Nesse contexto, os poemas de Laviera são reafirmações de sua ascendência porto-riquenha, e da sua comunidade, como uma “nova identidade nacional” que é diferente da “insular porto-riquenha.” Ele propõe uma “nova identidade étnica” que contemple outras minorias no país e a cidade de Nova Iorque se torna “o espaço onde essa convergência e cultura mestiça estão.” Utiliza a ironia, o humor. Seu trabalho tem um otimismo contagiante e suas poesias são canções para “alegrar a vida dos porto-riquenhos profundamente sentida apesar das circunstâncias difíceis que vivem.”

8. Breve estudo comparativo das poesias de Anzaldúa e Laviera

Levando-se em consideração que, muitas questões referentes a este propósito já foram mencionadas, abordarei nuances das escrituras de Anzaldúa e Laviera.

No poema *Borderlands/La Frontera* percebe-se a angústia de não pertencer a lugar nenhum, ou seja, é um entre-lugar. A autora expõe que isso é um fardo pesado, é como se “carregasse todas as raças em suas costas”. Não sabe qual caminho escolher, não esquece que os índios foram traídos por um longo tempo. Refere-se às pessoas que não aceitam o anglo existente dentro de si próprias, e considera tal atitude tão perversa quanto ignorar o índio e o negro que também convivem em seu íntimo.

Viver nas fronteiras para ela é muito doloroso, é como ser “cortada em pedaços.” Traduz revolta, tormento, incompreensão, crê que os americanos gostariam de expulsar os/as chicanos/as do país. A mestiça tenta libertar-se, pois o dilema de viver nesse entre-lugar, é uma luta de fronteiras, uma batalha íntima. Mas, ainda assim, sugere que para “sobreviver nas fronteiras é preciso viver sem fronteiras,” ser um elo de ligação entre elas.

Na poesia *For Richie*, Laviera critica o alto conceito que os americanos têm de si mesmos, comenta o sentimento dos porto-riquenhos de serem vistos como inferiores, servis à cultura americana, a indiferença do país quanto à situação dos imigrantes hispânicos e chicanos, dentre outros, critica o imperialismo presente na sociedade, os descaminhos da comunidade filosófica e intelectual estadunidense, vista como um “inferno constante,” que desvaloriza o povo porto-riquenho.

⁶ Interseções Latinas – Encruzilhadas.

Os dilemas transcritos nos poemas dos autores citados são similares, pois ambos sofrem as mesmas discriminações, compartilham o sentimento de viver entre duas culturas com valores diferentes e não pertencerem a nenhuma delas, a angustiante busca pela identidade e a luta incessante para serem valorizados.

Conclusão

Como pôde ser observado, a vida dos chicanos e porto-riquenhos tem sido pautada por preconceitos, eles sentem-se alijados de uma cultura que precisaria ser compartilhada, ao mesmo tempo que lutam obstinadamente para serem reconhecidos, e um dos meios encontrados para isso, foi o uso do *Spanglish*, como forma de protestar e resistir.

É necessário considerar as vozes dos teóricos ao combaterem tais discriminações e alertar os estadunidenses quanto à questão da alteridade, pois como já dizia Said, “a degeneração da diferença ignora que quem se perde do outro, perde-se a si mesmo.”

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Sandra Regina G. Bodily encounters: Gloria Anzaldúa's *Borderlands/ La Frontera*. In: *Ilha do Desterro*, n.39, p.113-123, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria et al. *This bridge called my back*. Writing by radical women of color. New York: Kitchen Table; Women of Color Press, 1986.
- APARICIO, Frances R. La vida es un spanglish disparatero: bilingualism in Nuyoricán poetry. In: *The Heath Anthology of American Literature*. Disponível em: <http://www.georgetown.edu/faculty/bassr/heath/syllabuild/iguide/laviera.html> . Acesso: 20 abr./ 2007.
- BHABHA, Homi. Disseminação, o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- FERRARI, Bruno. História, memória e subversão em *Caramelo*, de Sandra Cisneros. In: *Anais do XI Seminário Nacional Mulher e Literatura, II Seminário Internacional Mulher e Literatura – ANPOLL*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.
- FUENTE, Juan Ramón de la. *La herencia/ The heritage*. I Encuentro de escritoras chicanas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.
- _____. Apresentação. In: *La herencia/ The heritage*. I Encuentro de las escritoras chicanas. México: Universidad Nacional de México, 2003.
- Latino Intersections* – Encrucijada. 2003. Disponível em: <http://journals.darmouth.edu/cgi-bin/WebObjects/Journals.woa/2/xmlpage/2/article/261> Acesso: 20 abr./2007.
- LAUTER, Paul. *The Heath Anthology of American Literature Tato Laviera*. Disponível em: http://college.hmco.com/english/auter/heath/4e/students/author_pages/comtemporary . Acesso: 20 abr./2007.
- MORAGA, Cherríe et al. *This bridge called my back*. Writing by radical women of color. New York: Kitchen Table; Women of Color Press, 1986.
- PETERMAN, George. *Other voices* – latino e chicano literature and identity in América. Disponível em: <http://cis.yale.edu/ynhti/curriculum/units/5/98.05.10.x.html> . Acesso: 20 abr./2007.
- PORTELLA, Eduardo. Encontros e desencontros narrativos. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.3, p.23-31, 1996.
- S.a. Boricua poetry. Disponível em: http://www.virtualboricua.org/Docs/poem_tato01.htm . Acesso: 20 abr./2007.

S.a. Gloria Anzaldúa. Criticism. Disponível em: <http://www.voices.cla.umn.edu/vg/Bios/entries/anzaldua.html>. Acesso: 23 abr./2007.

S.a. *Literature presents poetry by Gloria Anzaldúa*. Disponível em: <http://www.uwm.edu/~gjay/Multicult/anzaldua.htm>. Acesso: 23 abr./2007.

TAFOLLA, Carmen. El rebozo de mi abuela. In: *La herencia/The Heritage*. I Encuentro de las escritoras chicanas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

TORRES, César Benítez. Introducción. In: *La herencia/ The heritage*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

TORRES, Sonia. A nação e as narrações híbridas: literatura hispânica dos Estados Unidos. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.3, 171-178, 1996.

TRUJILLO, Carla. The power of words. In: *La herencia/ The heritage*. I Encuentro de las escritoras chicanas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

VIRAMONTES, Helena Maria. Four guiding principles to a lived experience. In: *La herencia/The heritage*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

VASQUEZ, Manuel. *An American lesson in bilingual poetic Cha-Cha*. Disponível em: <http://www-stu.calvin.edu/chimes/981016/aande1.htm>. Acesso: 20 abr./ 2007.

WALTER, Roland. Ana Castillo's *The Mixquiahuala Letters* and *Sapagonia*: cultural politics of dislocation and relocations in the chicana/o borderlands. In: *Narratives identities*. (Inter) Cultural in-betweenness in the Americas. Bern: Peter Lang, 2003.

Sônia Maria Zanetti Thomaz, Mestre. Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO, Departamento de Letras/DELET. e-mail:soniamzthomaz@uol.com.br

*Estou enviando este artigo por outro e-mail, mas o meu e-mail é: soniamzthomaz@uol.com.br Por favor, envie-me um OK p/ eu saber se receberam este.